



لأنكم سوف تخسرون هذه الحرب

(Imagem divulgada pela Associated Press, em 4 Jan 16)

Esta imagem, tirada de uma filmagem de vídeo sem data e divulgada por militantes do Estado Islâmico (EI), mostra cinco homens acusados de serem espíões para o Reino Unido, logo antes da sua execução. Lançada on-line e ainda não verificada independentemente, a filmagem mostra um homem acenando uma arma enquanto faz referência ao "punhado de aviões" realizando ataques aéreos contra alvos do EI no Iraque e na Síria. Ainda, mostra os cinco homens "confessando" à filmagem e à fotografia de lugares em troca de dinheiro dentro de Raqqa, a capital do autodeclarado califado do EI.

Decapitações, Estupros e Queima de Pessoas Vivas

Como o Estado Islâmico Justifica as suas Ações

CC (Res) David G. Kibble, Reserva da Marinha Real Britânica

Ninguém que esteja atento aos eventos mundiais pode deixar de perceber os horrendos atos de terror sendo perpetuados pelo Estado Islâmico (EI): decapitações, estupros, afogamentos, fuzilamentos, queima de um piloto vivo, detonação de prisioneiros trancados em um carro e até o envolvimento de crianças-soldado na perpetuação de alguns dos seus ritos de execução. O mundo — incluindo integrantes da comunidade muçulmana que têm condenado severamente as ações do EI como detestáveis e não

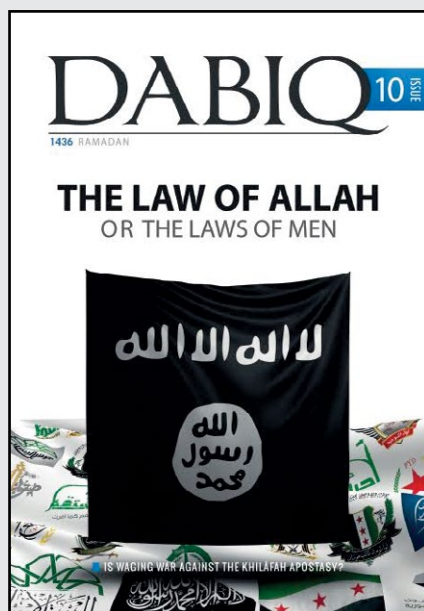
islâmicas — está horrorizado pelo que vê. Então, como é que o EI justifica o que faz? Este artigo examinará essa pergunta por meio da análise dos comentários oferecidos pelo EI sobre eventos em sua revista online *Dabiq*, e concluirá avaliando a justificativa do grupo.

Estado Islâmico

O EI é uma organização islâmica, e movimentos islâmicos são aqueles que almejam usar o Alcorão e as palavras e práticas do Profeta Maomé (as últimas duas são conhecidas coletivamente como a *Suna*) como a base para a organização da sociedade. Os islamistas consideram o Alcorão e a *Suna* como revelações da vontade de Deus e acreditam que a maioria dos países que se declaram muçulmanos falham muito na aderência aos seus conceitos. Os países que não conseguem implantar a lei muçulmana (*Sharia*) são, em vez disso, vistos como corruptos, orientados por líderes que têm se profanado por meio de contato com as nações não muçulmanas do Ocidente. Consequentemente, o EI acredita que a reorientação da sociedade de acordo com os princípios dados por Deus, revelados no Alcorão e na *Suna*, é o antídoto para a falência moral da sociedade ocidental.

A sua crença na infalibilidade do Alcorão como a palavra de Deus para o homem é um aspecto central da natureza do EI como um grupo fundamentalista. As interpretações fundamentalistas da religião geralmente incluem as seguintes características:

- ◆ Os seus integrantes são considerados os crentes “reais”, em contraste com as sociedades em volta e com membros da sua fé que têm pontos de vista diferentes dos seus.
- ◆ A democracia é rejeitada em favor de um estado em que a lei religiosa é implantada.
- ◆ Os tempos quando a sua fé começou são vistos como ideais e assim servem como um modelo de como as coisas devem ser agora.
- ◆ A erudição religiosa moderna é rejeitada.
- ◆ Apenas a interpretação literal do que são vistos como textos fundamentais infalíveis é considerada válida.
- ◆ Os seus integrantes apoiam crenças apocalípticas — o final dos tempos está perto.
- ◆ Os islamistas fundamentais querem difundir mundialmente a sua fé junto com o associado sistema político islâmico.



O título da publicação oficial de propaganda do Estado Islâmico (EI) é *Dabiq*. É uma revista on-line que promulga a ideologia, políticas e objetivos do EI ao mesmo tempo que serve como plataforma para grandes ameaças contra o Ocidente e outros inimigos percebidos pelo grupo, como os muçulmanos xiitas, yazidis e judeus. Publicada pela primeira vez em julho de 2014 em vários idiomas, incluindo inglês, utiliza imagens fotográficas sofisticadas e técnicas publicitárias de estilo ocidental especificamente visadas ao recrutamento de jovens marginalizados. Ao fazer isso, é caracterizada com fotos chocantes de tortura e execução daqueles descritos como oponentes do EI. O nome *Dabiq* se oriunda de uma pequena cidade no norte da Síria onde, segundo a tradição islâmica, a batalha final apocalíptica entre muçulmanos e cristãos ocorrerá que iria resultar em uma vitória islâmica e introduzir o fim do mundo secular e uma nova ordem mundial muçulmana.



(Imagem de vídeo do ISIS)

Uma imagem tirada de um vídeo do Estado Islâmico, de 2015, que supostamente mostra o campo de treinamento de Al Farouk para “filhotes” [crianças]. O camp é localizado em Raqqa, na Síria, segundo a Flashpoint Intelligence, uma empresa de segurança global e uma consultoria da NBC News.

A Missão Fundamentalista do Estado Islâmico

Os artigos na *Dabiq* demonstram todas essas características fundamentalistas¹. Um artigo na primeira edição da revista resume o que o EI considera como a sua missão: o estabelecimento de um Estado islâmico por meio da força de armas, ou *jihad* (guerra santa). Para justificar a sua posição, cita o Alcorão: “Dize aos incrédulos ... Combatei-os até terminar a intriga, e prevalecer totalmente a religião de Allah” (8:38-9)². No segundo volume da revista, o estabelecimento de tal Estado é considerado ser uma missão multinacional: “Precisamos confrontá-los [o povo] com o fato de que se afastaram da religião, enquanto nos atemos a ela ... estamos completamente prontos para enfrentar qualquer um que tente nos desviar do nosso compromisso de fazer com que a religião de Alá seja triunfante acima de todas as outras religiões, e que continuaremos a lutar contra as pessoas em desacordo e de má direção até que morramos tentando fazer com que a religião seja triunfante”³. Na quinta edição da revista, os autores dizem que a bandeira do EI expandirá até que “ela cubra todas as extensões ocidentais e orientais da terra, enchendo o mundo com a verdade e a justiça do Islã”⁴.

Para estabelecer o domínio do Islã tanto dentro de países muçulmanos quanto por todo o mundo, a guerra será necessária, não para o próprio benefício, mas para garantir que a vontade de Alá seja cumprida. Em volume 7 da *Dabiq*, isso é deixado bem claro em um artigo intitulado “O Islã é a Religião da Espada, não do Pacifismo”. O autor escreve, “Alá já revelou o Islã como sendo a religião da espada, e a evidência disso é tão abundante que apenas um *zindiq* (herege) argumentaria de outra forma”⁵. Ele justifica a sua posição ao citar uma variedade de textos do Alcorão: “Mas quanto os meses sagrados houverem transcorrido, matai os ídólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acossai-os e espreitai-os” (9:5); “Combatei aqueles que não creem em Allah e no Dia do Juízo Final ... e nem professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro [judeus e cristãos] ...” (9:29); e “Ó Profeta, combate os incrédulos e os hipócritas, e sê implacável para com eles! O inferno será sua morada. Que funesto destino!” (9:73). Outros textos do Alcorão também reforçam esse ponto.

Com base nesses textos, os integrantes do EI ficam livres para matar qualquer um que não siga a sua própria interpretação do Islã e aqueles de outras fés. É possível, assim, matar muçulmanos xiitas, conhecidos

pelos membros do EI como *Rafidah* (aqueles que rejeitam [o Islã verdadeiro]). Por exemplo, 25 foram mortos em um ataque contra uma mesquita xiita, na Cidade do Kuwait, em junho de 2015. Em outros lugares, um pistoleiro vinculado com o EI matou cinco muçulmanos xiitas na Arábia Saudita durante a festa Ashura em outubro, e mais de 40 foram mortos em um atentado suicida em Beirut, em novembro do mesmo ano.

Pessoas de outras fés, também, são perseguidas. Os cristãos são informados a se converter ao Islã ou pagar um imposto especial conhecido como a *jizya*, e milhares deles no Iraque fugiram das suas casas, como resultado. Em fevereiro de 2015, o EI colocou um dos seus horripilantes vídeos na Internet: 21 membros da Igreja Copta Egípcia, vestidos em macacões cor laranja, foram levados ao longo de uma praia na Líbia por integrantes do EI vestidos em negro. O vídeo mostrou as suas decapitações encenadas de modo teatral.

As Decapitações e o Emprego de Crianças-soldado

A decapitação parece ser um dos métodos prediletos de matar do EI. É preferido, primeiro porque instiga medo naqueles que se opõem; portanto, sabemos que o Exército iraquiano simplesmente desvaneceu quando o EI tomou controle sobre partes do norte do Iraque. Segundo, é favorecida porque é sancionada por versos do Alcorão: “... decapitai-os [os incrédulos] e decepai-lhes os dedos!” (8:12); “E quando vos enfrentardes com os incrédulos, golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado” (47:4). A decapitação de entre 600 e 900 judeus de Banu Qurayza, nas ordens de Maomé, e documentada por Ibn Ishaq, o primeiro biógrafo do profeta, e os islamistas veem o seu exemplo como mais uma justificativa pelo ato⁶. Terceiro, o uso de extrema violência na guerra santa é incentivado por Abu Bakr Naji no seu texto islâmico que é reconhecido por ter sido estudado pelos líderes e combatentes do EI⁷. Naji declara que a guerra santa envolve “nada além da

Preços de Escravos no Estado Islâmico

“Uma autoridade superior das Nações Unidas diz que o Estado Islâmico está divulgando uma lista de preços de escravos para mulheres e crianças capturadas, e que a atração e a barbaridade continuadas do grupo representam um desafio sem precedentes.

A autoridade, Zainab Bangura, disse que durante uma viagem ao Iraque, em abril, ela recebeu uma cópia do panfleto, que incluía a lista [veja a figura na próxima página], mostrando que crianças capturadas de apenas um ano de idade rendem o preço mais elevado. Os licitantes incluem os combatentes do próprio grupo tanto quanto pessoas abastecidas do Oriente Médio.

A lista mostra a opinião do grupo sobre o valor daqueles que captura ..., embora a autenticidade seja duvidosa. Bangura, que é enviada especial da ONU sobre a violência sexual em conflitos ..., disse que tem verificado que o documento é originário do Estado Islâmico e reflete transações reais.

‘As meninas são vendidas como barris de petróleo’, ela disse durante uma entrevista na semana passada em Nova York. ‘Uma menina pode ser vendida e comprada por cinco ou seis homens diferentes. Às vezes esses combatentes vendem as mulheres de volta às suas famílias por milhares de dólares de resgate.’

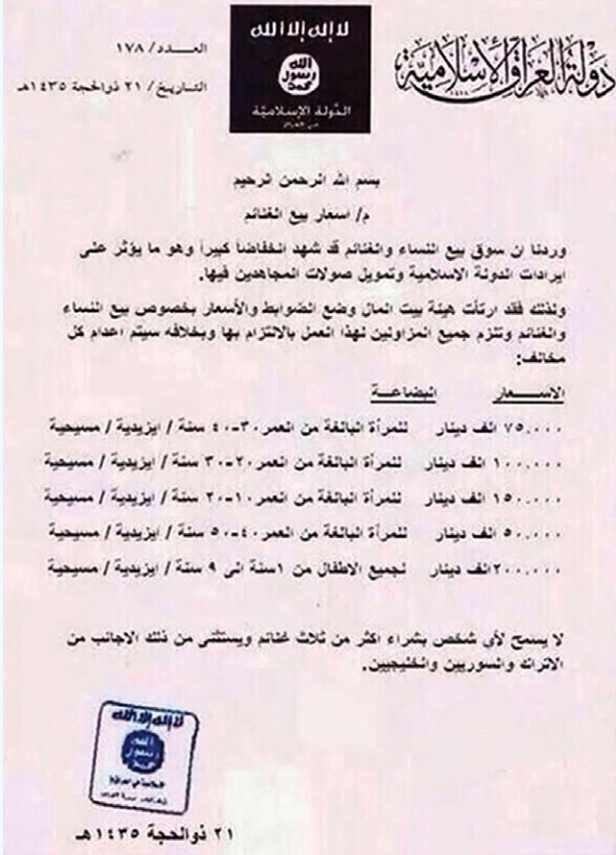
Para os combatentes do Estado Islâmico, os preços em dinares iraquianos por meninos e meninas de 1 a 9 anos de idade são equivalentes a aproximadamente US\$ 165, Bangura disse. Os preços por meninas adolescentes são US\$ 124, e é menos por mulheres acima da idade de 20.

Segundo Sangwon Yoon, “Islamic State Circulates Sex Slave Price List,” (“Estado Islâmico Divulga Lista de Preços de Escravas de Sexo”, em tradução livre), do website Bloomberg.com, 3 Ago 15.



(MEMRI Jihad & Terrorism Threat Monitor)

“Questions and Answers on Taking Captives and Slaves,” (Questões e Respostas sobre a Tomada de Cativas e Escravas”, em tradução livre), distribuído pelo Estado Islâmico, no final de 2014.



العقد / ١٧٨
التاريخ / ٢١ ذوالحجة ١٤٣٥ هـ

لا إله إلا الله
الله أكبر
الدولة الإسلامية

بسم الله الرحمن الرحيم
م / أسعار بيع الغنائم

وردنا ان سوق بيع النساء والغنائم قد شهد انخفاً كبيراً وهو ما يؤثر على إيرادات الدولة الإسلامية وتمويل صولات المجاهدين فيها. ولذا فقد ارتأت هيئة بيت المال وضع الضوابط والأسعار بخصوص بيع النساء والغنائم وتترجم جميع المزاولين لهذا العمل بالالتزام بها وبغلافه سيتم اعدام كل مخالف:

الإسعار المتضمنة

٧٥.٠٠٠	الف دينار	للنساء البالغة من العمر ٢٠-٤٠ سنة / ايزيدية / مسيحية
١٠٠.٠٠٠	الف دينار	للنساء البالغة من العمر ٣٠-٢٠ سنة / ايزيدية / مسيحية
١٥٠.٠٠٠	الف دينار	للنساء البالغة من العمر ٢٠-١٠ سنة / ايزيدية / مسيحية
٥٠٠.٠٠٠	الف دينار	للنساء البالغة من العمر ٥٠-٤٠ سنة / ايزيدية / مسيحية
٢٠٠.٠٠٠	الف دينار	لجميع الاطفال من ١ سنة الى ٩ سنة / ايزيدية / مسيحية

لا يسمح لأي شخص بشراء أكثر من ثلاث غنائم ويستثنى من ذلك الاجانب من الاترانه وسوريين والفلبينيين.

٢١ ذوالحجة ١٤٣٥ هـ

Uma versão traduzida do documento (à esquerda) foi compartilhada on-line por Dr. Widad Akrawi, um humanista vencedor do Prêmio Nobel da Paz, e diz o seguinte:

Recebemos notícia de que a procura nos mercados de Mulheres e de Gado tem diminuído acentuadamente e que afetará a renda do Estado Islâmico, bem como o financiamento dos mujahedin no campo de batalha, portanto fizemos algumas alterações. Abaixo são os preços por mulheres yazidi e cristã.

O preço por mulheres yazidis ou cristãs entre as idades de 40 e 50 é US\$ 43 (£27)

US\$ 75 (£48) por 30 a 40 anos de idade

US\$ 86 (£55) por 20 a 30 anos de idade

US\$ 130 (£83) por 10 a 20 anos de idade

US\$ 172 (£ 110) por 1 a 9 anos de idade

Os clientes são permitidos comprar apenas três itens, com a exceção de fregueses da Turquia, Síria e dos países do Golfo.

Datado e carimbado pelo ISIS no Iraque, 16 de outubro de 2014.

Informação cortesia do: Dr. Widad Akrawi, Twitter post, 4 nov. 2014, 4:11am, <https://twitter.com/DrWidadA/status/529576654709198848>.

Figura. A Lista de Preços do Estado Islâmico por Escravas Yazidis e Cristãs

violência, crueldade, terrorismo, amedrontamento [de outros] e massacres. ... Precisamos massacrar (outros) e (tomar) medidas como aquelas que foram empreendidas contra o Banu Qurayza e os seus semelhantes”⁸.

Em julho de 2015, 25 militares sírios foram baleados na cabeça por 25 crianças-soldado do EI, em Palmyra, na Síria. Da mesma forma, no volume 8 da *Dabiq*, crianças-soldado são fotografadas com fuzis na mão enquanto ficam em frente de corpos. O artigo informa que os prisioneiros na fotografia foram mortos pelas crianças-soldado porque eram agentes russos e israelenses. O emprego de crianças é justificado, a revista argumenta, porque Maomé usou crianças-soldado na Batalha de Badr⁹.

A Escravidão Sexual e Estupro

Diferente dos judeus e cristãos, que compartilham com os muçulmanos uma crença de descendência comum do antigo patriarca monoteísta, Abraão, os

grupos religiosos do Oriente Médio com origens não relacionadas com a tradição Abraâmica têm se tornado alvos especiais da brutalidade do EI. Entre esses estão, principalmente, os yazidis, membros de uma fé com raízes antigas no zoroastrismo, mais uma religião monoteísta que se originou antes do nascimento de Jesus. Pelo menos 700 de seus homens foram executados e milhares de suas mulheres escravizadas. Em um artigo da *Dabiq*, o autor justifica as ações do EI, referindo-se ao que é conhecido como o “verso da espada” do Alcorão (9:5, citado anteriormente)¹⁰. Posteriormente, o autor argumenta que considerando que a religião dos yazidis é categorizada como uma fé apóstata (cujos membros abandonaram o Islã), a lei muçulmana estabelece que os homens precisam ser mortos e as mulheres escravizadas. Para justificar a sua posição, ele cita várias tradições referentes a Maomé: havia relatos em que o profeta afirma “Alá se admira de pessoas que entram no *jannah* [paraíso] em correntes”,

e também que é bom colocar pessoas em correntes até converterem-se ao Islã¹¹. Outras afirmações do profeta citadas afirmam que quando escravas derem à luz aos seus donos, o dia de julgamento não está muito longe. Além de usar o *hadith* (palavras atribuídas ao profeta Maomé), outras autoridades muçulmanas também são citadas para justificar a escravidão de mulheres¹².

Mas que tal o estupro de mulheres escravizadas? Umm Sumayyah al-Muhajirah (uma integrante feminina do EI) escreveu um artigo em que argumenta que o uso de escravas para fins sexuais é aceitável devido a quatro textos do Alcorão e ao exemplo do profeta Maomé. Um dos textos do Alcorão diz, “É certo que prosperarão os fiéis ... e ... [os] que observam a castidade. Exceto para os seus cônjuges ou cativas” (23:1-6). O verso se refere a homens “que observam a castidade” exceto quando estão com as suas esposas e com mulheres capturadas na guerra. Assim, a inferência é que homens podem ter relações sexuais com mulheres tomadas cativas na guerra da mesma forma que podem ter relações sexuais com as suas esposas. Consta que Maomé tinha quatro escravas. Supostamente, os seus companheiros seguiram a mesma prática: al-Muhajirah diz que não havia um deles que não deixou de praticar o *saby* (tomada de escravos na guerra). De fato, ela declara, Abi Ibn Ali Talib tinha 19 escravas. Um dos *hadith* diz, “Aproximar-se a qualquer mulher casada é fornicação, exceto para uma mulher que foi escravizada”¹³. Al-Muhajirah conclui que a prática de *saby*, que inclui o que somente podemos descrever como estupro, “é uma grande *suna* profética contendo muitas sabedorias divinas e benefícios religiosos”¹⁴. Um dos seus benefícios, ela diz, é que escravas serão capazes de aceitarem o Islã e entrarem no paraíso.

A Justificativa para Queimar Cativos Vivos

Em volume 7 da *Dabiq*, há uma foto de uma página inteira de um piloto jordaniano sendo queimado até a morte em uma jaula. Umas páginas depois há outra de meia página de seus restos mortais carbonizados. O Tenente Mu’adh al-Kasabih foi capturado em 2014, após o seu avião ter caído na Síria. A revista argumenta que a queima dele foi inteiramente justificada: ao queimar o piloto jordaniano e enterrá-lo sob uma pilha de entulho, o Estado Islâmico levou a cabo uma forma de retaliação justa devido ao seu envolvimento na

campanha de bombardeio dos cruzados que continua a resultar na matança de incontáveis muçulmanos que, como resultado desses ataques aéreos, são queimados até a morte sob montanhas de entulho”¹⁵. O autor do artigo é consciente do *hadith* que declara que apenas Deus pode punir com fogo, mas argumenta que esta cláusula é revogada no caso de retaliação, de acordo com um verso do Alcorão (2:194). Ele observa que o próprio Maomé, em uma ocasião, arrancou os olhos dos seus inimigos com um ferro ardente, e que havia várias instâncias em que os companheiros do profeta também puniram os seus inimigos ao queimá-los. Ele cita cinco exemplos separados disso. Assim, ele argumenta, ao queimar o piloto jordaniano, o EI simplesmente seguiu o exemplo de Maomé e dos seus companheiros.

Precedentes Escriturais e Históricos

Por meio do porta-voz do EI, os contribuintes da *Dabiq* justificam o que somente podem ser descritos como atos de depravação e inumanidade ao citar textos do Alcorão, palavras e práticas de Maomé e, ocasionalmente, ao referir-se aos eventos da história islâmica — particularmente àqueles envolvendo os companheiros do profeta (como mencionado anteriormente, além dos textos sagrados, grupos fundamentalistas aceitam os dias iniciais de uma fé como normativos e autoritários). Os artigos que visam justificar eventos e práticas são sempre bem argumentados, frequentemente contendo várias citações do Alcorão e de vários *hadith*. Onde existe espaço para debate devido a textos ou ditos conflitantes, há análise cuidadosa e detalhada. A revista, que é sempre produzida muito profissionalmente, contém várias fotografias de prisioneiros — em particular quando estão para encarar a execução ou, ocasionalmente, das próprias execuções. Também, inclui fotografias de cadáveres — geralmente daqueles que foram executados, mas, às vezes, dos sírios e iraquianos mortos como resultados de ataques aéreos.

Ao usar textos e tradições islâmicos, a revista apela aos muçulmanos espalhados pelo mundo a migrarem ao Iraque e à Síria para tornarem-se integrantes do *califado* (Estado muçulmano). Aqueles que estão incapazes de unir-se são incentivados a empreender o *jihad* nos seus próprios países. “Se pode matar um americano ou europeu incrédulo — especialmente os franceses vingativos e imundos — ou um australiano, ou um canadense, ou qualquer outro incrédulo daqueles que estão



(Imagem da UNTV)

Nadia Murad BaseTaha, uma iraquiana de 21 anos de idade da fé yazidi vítima de sequestro para fins de escravidão sexual pelo Estado Islâmico, discursando durante reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o tráfico humano em situações de conflito.

travando a guerra, incluindo os cidadãos de países que entraram em uma coalizão contra o Estado Islâmico, então confie em Alá, e mate-o de qualquer forma ou maneira ... Mate o incrédulo, quer seja civil ou militar, pois possuem a mesma sentença”¹⁶.

É Realmente Islâmico?

Muitos muçulmanos por todo o mundo estão ávidos para distanciar-se da filosofia e das ações do EI. Depois do massacre em Paris, em Novembro de 2015, Qari Asim, o imame da mesquita Makkah, em Leeds, no Reino Unido, colocou a seguinte mensagem no website da mesquita: “O ISIS [Estado Islâmico no Iraque e na Síria] ou o EI não é o porta-voz do Islã nem a sua ideologia venenosa é compartilhada pelos muçulmanos por todo o mundo. Mais uma vez, infelizmente, nós, os muçulmanos britânicos, nos encontramos em uma posição de ter de publicamente nos desassociar das ações de um grupo desprezível de indivíduos que se apoderou da nossa religião de paz para conseguir as suas próprias

metas políticas e territoriais. As suas ações são uma afronta absoluta ao Islã e são condenadas inequivocamente por muçulmanos por todo o mundo”¹⁷. A sua exasperação é real.

Em Deuteronômio, um dos primeiros cinco livros das bíblias cristã e judaica, os judeus são mandados por Deus para matar todos em uma cidade em tempo de guerra. São ordenados a matar todos os homens, mas tomar todas as mulheres, crianças e animais para si mesmos¹⁸. Independente de tais exortações, hoje muitos poucos da comunidade judaica (ou cristã) considerariam essa ordem como sendo as instruções de Deus para a condução da guerra moderna. Com base na cultura primitiva e nos costumes locais da época, tais ações eram, sem dúvida, consideradas apropriadas e aceitáveis, mas não são vistas como relevantes no Século XXI entre a maioria das nações do mundo que possuem raízes nas tradições religiosas judaico-cristãs. De fato, tais ações seriam quase universalmente consideradas repulsivas.

Em resposta à suposta justificativa islâmica do EI para as suas ações horrendas, muitos muçulmanos avançam um argumento rejeicionista semelhante com respeito a alguns dos textos mais violentos do Alcorão e do *hadith*, que são atualmente anacrônicos e inapropriados se o mundo islâmico vai progredir juntamente com os valores humanos modernos.

Por exemplo, no Reino Unido, um grupo de imames tem publicado a sua revista on-line *Haqiqah* (realidade), que visa minar os argumentos oferecidos pelo EI. O argumento oferecido por eles é que se os muçulmanos examinam o Alcorão e o Hadith em um contexto mais abrangente, em vez de escolher certos textos e ditos fora do contexto, perceberão que a sua fé oferece uma perspectiva muito diferente. Musharrif al Azhari conclui, “No mundo atual, a nossa luta [*jihad*] deve ser para o estabelecimento da paz, para criar bondade e gentileza entre outros, para engajar em diálogo e realmente trabalhar na proteção e melhoria das nossas almas”¹⁹. Os autores observam que em vez de ordenar a perseguição de pessoas de outras fés, o Alcorão permite a liberdade de religião²⁰.

Em outro lugar, Tariq Ramadan, professor de Estudos Islâmicos na Universidade de Oxford, argumenta que muçulmanos devem usar o Alcorão e a *Suna* como um todo para derivar os princípios muçulmanos universais — sendo que as regras e regulamentos exatos que são contidos neles são puramente

relativos à época em que foram escritos. A fidelidade aos princípios não devem envolver a fidelidade literal na aplicação de textos individuais porque as sociedades mudam. Em cada época tem de haver uma discussão sobre como os princípios básicos subjacentes da religião devem ser aplicados. Como descrito por Ramadan, “a preocupação não deve ser vestir-se como o Profeta se vestia, mas de acordo com os princípios (de decoro, limpeza, simplicidade, estética e modéstia) que sustentam a sua escolha de roupas”²¹.

Um muçulmano cingapuriano colocou o seguinte na sua página do Facebook depois dos ataques em Paris de novembro de 2015: “O ISIS [Estado Islâmico do Iraque e da Síria] é o maior inimigo do Islã, não os EUA, não Israel ou a França ou a Alemanha ou os russos. Temos que nos responsabilizar pelo problema. Temos que admitir que isso é um problema religioso”²².

Conclusão

Bombardear o EI no Iraque e na Síria talvez seja a coisa certa a fazer agora, mas não pode ser a única ação necessária. No final das contas, o conflito está relacionado a ideologia profundamente arraigada. Essa guerra ideológica precisa ser travada e, como muitos muçulmanos hoje dizem, precisa ser vencida dentro do próprio Islã²³. Nós que não somos muçulmanos precisamos apoiá-los no conflito. ■

CC David G. Kibble, Reserva da Marinha Real Britânica, Reserva Remunerada, possui pós-graduação em Teologia pela Edinburgh University. É um recém-aposentado vice-diretor da Huntington School em York e ex-Comandante do HMS Ceres. Escreveu extensivamente em livros e jornais sobre assuntos teológicos, políticos, educacionais, administrativos e de defesa, bem como os antecedentes islâmicos dos problemas no Oriente Médio e sobre a ética de dissuasão nuclear.

Referências

1. Hava Lazarus-Yafeh, “Contemporary Fundamentalism: Judaism, Christianity and Islam,” *The Jerusalem Quarterly* 47 (1988): p. 27–39.

2. “From Hijrah to Khilafah,” *Dabiq* 1, 2014, p. 35, acesso em 7 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2014/07/islamic-state-22dc481biq-magazine-122.pdf>. O texto do Alcorão identificado aqui varia um pouco daquele citado no artigo, devido ao emprego do autor de uma tradução diferente do Alcorão. Todas

as edições da *Dabiq* podem ser encontradas em <http://jihadology.net/category/dabiq-magazine/>.

3. Abu Amr al-Kinaru, “It’s Either the Islamic State or the Flood,” *Dabiq* 2, 2014, p. 11, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2014/07/islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-2e280b3.pdf>.

4. “Foreword,” *Dabiq* 5, 2014, p. 3, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/>

[the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-522.pdf](#).

5. "Islam is the Religion of the Sword Not Pacifism," *Dabiq* 7, 2015, p. 20, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-722.pdf>.

6. Timothy R. Furnish, "Beheading in the Name of Islam," *Middle East Quarterly* 12(2) (2005): p. 1–57, acesso em 8 jan. 2016, <http://www.meforum.org/713/beheading-in-the-name-of-islam>.

7. Hassan Hassan, "Isis Has Reached New Depths of Depravity. But There is a Brutal Logic behind It," website da *Guardian*, 7 Feb. 2015, acesso em 8 jan. 2016, <http://www.theguardian.com/world/2015/feb/08/isis-islamic-state-ideology-sharia-syria-iraq-jordan-pilot>.

8. Abu Bakr Naji, "The Management of Savagery: The Most Critical Stage Through Which the Ummah Will Pass," trad. William McCants (Cambridge, MA: John M. Olin Institute for Strategic Studies at Harvard University, 23 May 2006), third topic, sec. 4, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2010/08/abu-bakr-naji-the-management-of-savagery-the-most-critical-stage-through-which-the-umma-will-pass.pdf>.

9. "The Lions of Tomorrow: The Lion Cubs of the Khilafa," *Dabiq* 8, 2015, p. 20–21, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/03/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-8e280b3.pdf>.

10. "The Revival of Slavery before the Hour," *Dabiq* 4, 2014, p. 14, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-422.pdf>.

11. *Ibid.*, p. 15.

12. *Ibid.*, p. 15-17.

13. Citado em Umm Sumayah al-Muharijah, "Slave Girls or Prostitutes?" *Dabiq* 9, 2015, p. 44, acesso em 8 jan. 2016, [https://](#)

[azelin.files.wordpress.com/2015/05/the-islamic-state-e2809cdc-481biq-magazine-9e280b3.pdf](#).

14. *Ibid.*, p. 45.

15. "The Burning of the Murtado Pilot," *Dabiq* 7, 2015, p. 6, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-722.pdf>.

16. Abu Muhammad al-Adnani ash-Shami, "Indeed Your Lord is Ever Watchful," *Dabiq* 4, 2014, p. 9, acesso em 8 jan. 2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e-2809cdc481biq-magazine-422.pdf>.

17. "Paris Terror Attacks Are an Abomination," website da Leeds Makkah Masjid, 14 Nov. 2015, acesso em 8 jan. 2016, <http://www.makkahmasjid.co.uk/wp/index.php/2015/11/14/paris-terror-attacks-are-an-abomination/>.

18. Deuterônimo 20: 10–18, 21: 10–14.

19. Dr. Musharraf Hussain al Azhari, "What Jihad Are You Fighting For?" *Haqiqah* 2, 2015, p. 20, acesso em 8 jan. 2016, <http://www.haqiqah.org/article/what-jihad-are-you-fighting/>.

20. Alcorão 18:29, 2:256.

21. Tariq Ramadan, *Western Muslims and the Future of Islam* (New York: Oxford University Press, 2004), p. 36.

22. "'We're Just as Shocked'—Muslim Messages Going Viral after the Paris Attacks," website da BBC Trending, 18 Nov. 2015, acesso em 7 jan. 2016, <http://www.bbc.co.uk/news/blogs-trending-34858514>.

23. "The IISS Manama Dialogue: The Regional Security Summit," website do International Institute for Strategic Studies, acesso em 7 jan. 2016, <http://www.iiss.org/en/events/manama%20dialogue/archive/manama-dialogue-2014-3b96>. Essa ideia foi discutida várias vezes durante o Manama Dialogue, de 2014, pelos líderes árabes.